



LEISHMANIOSE CANINA- O que todos devem saber

ProAnima | Associação Protetora dos Animais do DF
SHCN CL 214 Bl. C Loja 56 Subsolo Brasília DF 70873-530 • Tel: 61 3032-3583
Entidade sem fins lucrativos • CNPJ 05.992.115/0001-23
www.proanima.org.br • proanima@proanima.org.br

Saiba o que é a Leishmaniose

O que é a Leishmaniose?

É uma doença causada por um protozoário chamado *Leishmania*, que é transmitido pela picada de um inseto chamado flebótomo (popularmente conhecido como **mosquito-palha**).

É o mosquito que transmite a doença de um animal para outro. É uma doença que afeta principalmente cães (mas também animais silvestres e urbanos, como ratos) e humanos (principalmente crianças com desnutrição, idosos imunosuprimidos e, atualmente, pessoas com Aids).

Não se pega Leishmaniose de cães ou outros animais, apenas pela picada do mosquito!

Quais são os sintomas da Leishmaniose nos cães?

São muito variáveis. O cão pode apresentar emagrecimento, perda de pêlos, gânglios inchados, fraqueza, feridas, crescimento exagerado das unhas, úlceras nos olhos e anemia. Também há sintomas nos órgãos internos, como o crescimento de fígado e outras alterações.

Porém, **alguns destes sintomas são comuns a OUTRAS doenças** bem menos graves e bem mais comuns como a sarna e a erliquiose (doença do carrapato). Por isso, **um cão que está magro e sem pêlos ou que perde peso e está fraco, não está necessariamente com Leishmaniose!**

O diagnóstico preciso só pode ser feito por médico veterinário, que combina exames de sangue e clínicos para chegar a uma conclusão.

Muitos animais têm sido abandonados só porque aparentam estar doentes e isso, além de cruel, é péssimo para o controle da doença.

O primeiro passo é a prevenção!

Como se pode prevenir a picada do mosquito?

O mosquito-palha gosta de matéria orgânica (lixo, folhagem úmida, restos de comida ou jardim) e de ambiente escuro. Limpe bem o arredor da sua casa e não deixe acumular restos de comida, folhagem, fezes de animais, etc. O mosquito, que salta como uma pulguinha e pousa de asas abertas, é mais ativo ao entardecer e à noite. Por isso, é importante usar telas e redes nos locais de dormir de pessoas e seus cães, trazê-los para dentro de casa ou canis telados à noite e **usar coleiras ou líquidos repelentes nos cães**. Os produtos disponíveis no mercado que protegem contra a picada do mosquito são:

- Coleira Scalibor

- Pulvex pour-on
- Advantage Max 3

Há ainda a opção de se usar o produto mais barato, Cyperpour-on, principalmente para quem tem muitos cães, no pêlo, e não na pele, de acordo com o protocolo sugerido pelo Professor Dr. André Fonseca (mais informações no website da ProAnima).

A coleira Scalibor, em particular, além de repelir o inseto, causa a morte daqueles que picam, portanto, é uma importante arma contra a doença.[1]

Banhos com sabão diminuem a eficácia dos produtos, porque eles dependem da oleosidade na pele do animal para funcionarem: diminua os banhos, substitua os banhos por escovação e/ou use nenhum ou menos sabão. Tome cuidado especial entre banhos!

Plantar citronela e neem no entorno da casa também é útil para repelir os insetos.

Cobre do Governo o recolhimento rápido do lixo e o controle sanitário de lixões. Enquanto tivermos áreas com lixões e "lixinhos" a céu aberto, o mosquito estará sendo "convidado" a ficar entre nós!

Existe vacina para cães?

Sim, a Leishmaniose pode ser prevenida nos cães pelo uso da vacina Leishmune, felizmente já disponível em clínicas veterinárias no DF. Estudos demonstram que **a vacina protege entre 80%-95%** dos cães da Leishmaniose. Outros, apontam que há **diminuição da transmissão da Leishmaniose** do cão para o mosquito após a vacinação, o que é importante para o controle da doença.[2]

Como é administrada a vacina?

Primeiro, realiza-se um exame clínico e um exame laboratorial (sorológico) para detectar que o cão não está soropositivo antes de ser vacinado. Depois, o cão recebe três doses sucessivas da vacina, com 21 dias de intervalo entre cada uma. Caso venha a ser testado depois e apresentar exame positivo (porque ao ser vacinado ele desenvolve anticorpos contra a *Leishmania*), o laudo anterior e a vacinação são apresentados para mostrar que a reação é devido à vacina e não à doença.

Leia mais em <http://www.leishmune.com.br/faq/perguntas.frequentes.proprietarios.html>

Mesmo o cão vacinado deve usar repelente!!!

Sobre o inquérito epidemiológico: A campanha que bate de porta em porta, dá orientações e coleta sangue

Tenho a obrigação de permitir que colham o sangue do meu cão?

A Constituição, que está acima de qualquer outra legislação ou portaria, prevê que sua casa é inviolável[3]. É sua escolha permitir ou não que os agentes entrem em sua casa e colem sangue de seu cão. Sugerimos que os agentes de saúde sejam bem-vindos para dar orientações de como evitar o mosquito palha e olhar em sua casa se há locais onde possam estar os mosquitos. Quanto à coleta de sangue, se permitir, **exija que seja usada uma agulha para cada animal** e que a agulha seja inutilizada após o uso (na sua frente) — e ao receber o resultado, cuidado com a interpretação - ver abaixo.

Se o exame realizado pela Secretaria de saúde der positivo, quer dizer que meu cão tem mesmo Leishmaniose?

O diagnóstico da Leishmaniose é altamente complexo e nenhum dos métodos é 100% seguro. Por isso a **importância de se realizar ao menos uma contra-prova** e do animal ser examinado por veterinário. Na sorologia utilizada pelo GDF, por exemplo, há problemas de cruzamento com outras doenças, notadamente, a erliquiose (doença do carrapato). Mas até verminoses comuns podem dar um "positivo" nessa sorologia. Assim, seu cão pode ter apenas doença do carrapato ou vermes comuns e testar positivo para Leishmaniose. E independentemente de reações cruzadas com outras doenças, em 5-8% dos casos há falsos positivos nas sorologias. **Centenas de cães estão sendo mortos no DF sem que tenham com certeza a Leishmaniose.**

Um exame mais preciso é o PCR, disponível no Hospital Veterinário da UnB por R\$ 65,00. Outros exames precisos são a citologia aspirativa de linfonodo e medula óssea.

Desta forma, caso o resultado da primeira sorologia dê positivo, converse com seu veterinário, que deverá coletar o material e encaminhar para o laboratório para que uma avaliação seja realizada de posse de mais de um resultado e do exame clínico do animal.

Leia mais no website da ProAnima sobre os diversos métodos de diagnóstico.

Se meu cão testou positivo, os agentes de saúde podem entrar em minha casa e levá-lo para matar?

Não. Novamente, a Constituição Federal, que está acima de qualquer lei federal, distrital ou portaria, prevê que sua casa é inviolável. Ou seja, qualquer entrada não autorizada em sua casa requererá ordem judicial, após avaliação por um juiz. O STJ decidiu a favor de uma Ação Civil Pública no Mato Grosso do Sul prevendo que animais só podem ser mortos após a realização de prova e contra-prova. Se algum agente de saúde o ameaçar, isso é abuso de poder. A decisão de sacrificar um animal é do proprietário e algo muito sério. A eutanásia é indicada apenas quando o tratamento não for indicado para um animal sintomático.

Tratamento

Existe tratamento para Leishmaniose canina?

Sim[4]. Vários médicos veterinários respeitados no país, como o Dr Vítor Márcio Ribeiro da Pontifícia Universidade Católica de MG e o Dr André Fonseca, da Universidade do Mato Grosso do Sul, têm obtido bons resultados no tratamento da Leishmaniose. (Leia mais no website da ProAnima sobre os protocolos de tratamento). O tratamento requer compromisso financeiro e de tempo do proprietário e nem todos os cães reagem da mesma forma. Mas muitos cães já foram tratados e voltaram a ser saudáveis. A jurisprudência para o tratamento foi estabelecido em MG.[5] Procure um veterinário que conheça a doença e saiba como realizar o tratamento.

Se um animal infectado está em tratamento, corre o risco de ser picado pelo mosquito e transmitir para outros cães?

Da mesma forma que pessoas infectadas e outros animais, sim, um mosquito pode picar um animal em tratamento e se infectar. Mas isso é evitável tomando-se as precauções já listadas. Por isso é importante que todos os cães - infectados ou não - usem repelentes para evitar a picadas de mosquitos e em todas as casas deve-se tomar medidas para eliminar focos do mosquito palha. Além disso, à medida que é tratado, a capacidade do cão de infectar os mosquitos diminui, mesmo

que não seja totalmente eliminada (estudos são inconclusivos a respeito). **Um cão em tratamento e seguindo as orientações veterinárias para que não seja picado, não é ameaça à saúde pública.**

Se eu não tenho condições de tratar o animal ou se o tratamento não for indicado, o que posso fazer?

Honre o compromisso de cuidar dele e protegê-lo do sofrimento. Converse com seu veterinário para que uma eutanásia de fato (verdadeira) seja realizada. Não deixe que seja levado, cheio de estresse e medo, junto com outros cães, pela "carrocinha". Não temos a certeza de que a matança lá realizada seja de fato livre de estresse, indolor, precedida por anestésico e individual.

Mas a matança dos cães soropositivos não é a única forma de combater a doença?

Não. A Leishmaniose é doença complexa e o combate pela matança de cães tem sido a medida mais comum, **porém a menos eficaz**. [6] O combate à Leishmaniose requer um olhar integrado, que vá à raiz das questões, o que envolve planejamento urbano, manejo do lixo, combate ao mosquito, controle populacional de cães por esterilização e, importantíssimo, a promoção da saúde e nutrição da população mais excluída. Nada disso é tratado ao se matar cães — e a doença segue em proliferação. Inúmeros estudos e informes técnicos, inclusive da Organização Mundial de Saúde, comentam o fracasso do modelo atual [7]:

- a doença (na cidade) tem raízes no desequilíbrio ecológico causado pela expansão urbana sem planejamento. Na medida em que ocorre desmatamento, o ciclo silvestre da doença é interrompido e cães e humanos passam a ser contaminados. Aliás, o mesmo tem ocorrido com a hantavirose, a dengue, e a febre amarela.

- inúmeros outros animais estão envolvidos no ciclo da doença: ratos, gambás e até gatos. Os frangos também estão sendo investigados como parte do ciclo. Não é factível realizar o controle testando-se e matando-se todos estes animais! [8]

- ao se matar um cão, é freqüente a "reposição" dos cães, muitas vezes por filhotes, que em geral são mais suscetíveis ainda à contaminação. [9]

- há uma mobilidade muito grande de pessoas e seus cães pelas cidades, o que impossibilita um "controle" total. Muito mais eficaz é o controle do vetor (mosquito).

- o alarmismo causado ao se culpar os cães tem levado a taxas maiores de abandono destes animais, levando a uma população maior de cães errantes e imunodeprimidos que podem ser alvo da doença.

- os cães são considerados por muitas pessoas como parte integrante da família e a matança destes é extremamente traumática, principalmente para crianças. Ignorar o importante vínculo entre animais e suas pessoas é apostar na não colaboração da população, algo que é fundamental na saúde pública. Medidas testadas e aprovadas como a distribuição de coleiras, telas e mosquiteiros com inseticidas e educação ambiental têm naturalmente maiores chances de serem adotadas pela população. [10]

Portanto, o que se aponta na maior parte dos estudos é a importância de se repensar a estratégia falida de matança de cães e partir para o controle do vetor (mosquito), controle do ambiente (lixo orgânico), repensar políticas desordenadas de expansão urbana, diminuir a população de cães errantes por meio de campanhas de esterilização e de guarda responsável, melhorar o status nutricional e imunológico da população humana e investimento em estudos do tratamento e prevenção da doença em humanos e animais.

Não é justo que cães paguem com a vida por erros humanos! Defenda a idéia de uma nova política de combate à Leishmaniose, assim como têm feito vários setores da população brasileira, inclusive técnicos da área da saúde pública.[11]

[1] Reithinger, R, Theodoro, U, Davies, C. (2001). Topical Insecticide Treatments to protect dogs from sand fly vectors of Leishmaniasis. *Emerging Infectious Diseases*, Vol. 7, no. 5, p.872-876.

[2] http://www.fortdodge.com.br/admin/privado/file.upload/boletins/leishmune_01.pdf

[3] "a casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou, durante o dia, por determinação judicial". Constituição Federal.

[4] "A resposta ao pseudodilema de se cães com Leishmaniose canina podem ser tratados é sim, a maioria dos casos. Até cães com altos índices de BUN e creatinina podem ser entregues "saúdáveis" aos seus donos, desde que o dono compreenda o problema e esteja preparado para o custo e duração do tratamento". Kontos, V.I. (2004). Management of the Canine Leishmaniasis in an endemic area. Trabalho apresentado ao Congresso WSAVA, 2004.

[5] Ver em nosso website, Cães com Leishmaniose são poupados em Minas Gerais.

[6] Moreira Jr, Souza e Carvalho, (2005). Optimized dog culling program does not reduce Leishmania infection in children in an endemic area: Results of a community-based trial. Resumos da Conferência WorldLeish, 10-13 Abril, Sicília, Itália, p. 229.

Pereira et al. (2005). The elimination of seropositive dogs is an inefficient measure for controlling the canine Leishmania L. Chagasi infection. Resumos da Conferência WorldLeish, 10-13 Abril, Sicília, Itália, p. 191. Disponível em <http://www.abrigodosbichos.com.br/Membros/1/EAPereira.pdf>

[7] "O Programa brasileiro de controle de Leishmaniose é baseado em três principais medidas de controle: diagnósticos e tratamento precoce de casos humanos; triagem imunológica e matança de cães soropositivos e borrifação de inseticidas contra o flebótomo. Estas medidas de controle permanecem inalteradas desde os anos 50 e não conseguiram reduzir a incidência de casos humanos a um nível aceitável. Na verdade a prevalência de casos de Leishmaniose visceral aumentou e a doença tornou-se um problema sério de saúde pública em vários estados brasileiros. Dantas-Torres, F & Brandão-Filho, S.V. (2006) Visceral leishmaniasis in Brazil: revisiting paradigms of epidemiology and control vol.48 no.3. Revista do Instituto de Medicina tropical de São Paulo.

A Organização Mundial de Saúde afirma em www.who.int/tdr/diseases/leish/files/direction.pdf que a matança de cães é "questionável".

[8] Discussão de outros reservatórios: A. M. Padilla, J. D. Marco, P. Diosque, M. A. Segura, M. C. Mora, M. M. Fernández, E. L. Malchiodi, M. A. Basombrío (2002), Canine infection and the possible role of dogs in the transmission of American tegumentary leishmaniasis in Salta, Argentina.

Veterinary Parasitology, Volume 110, Issues 1-2, 11 December 2002, Pages 1-10

[9] <http://www.abrigodosbichos.com.br/Membros/1/CMNunes.pdf>

[10] Davies, Kaye, Croft and Sundar, no *British Medical Journal*, por exemplo, afirmam que "Novas formas de aplicação de inseticida devem substituir a borrifação nos lares e (para a leishmaniose visceral zoonótica) a matança de cães". Davies, Kaye, Croft and Sundar (BMJ 2003) 326. 377-382.

[11] Veja em nosso website, a Moção de Dracena.

A ProAnima é filiada às seguintes entidades:



© 2003-2008 ProAnima - Permitida a reprodução impressa integral desse material, para fins educativos não comerciais, com os devidos créditos à ProAnima, conforme a Lei de Direitos Autorais N.º 9.610/98.